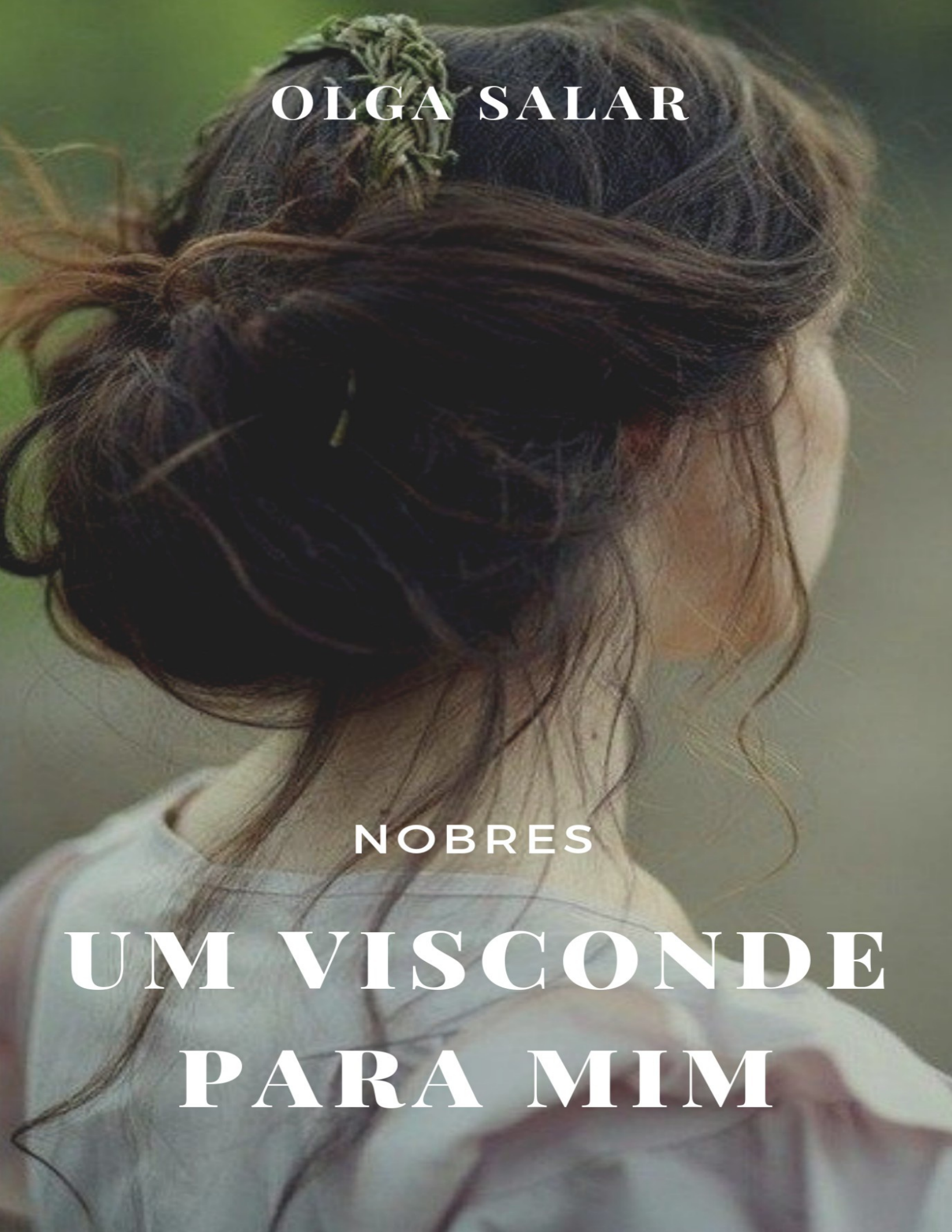




OLGA SALAR

NOBRES

UM VISCONDE
PARA MIM



Um Visconde Para Mim
(Nobres 03)

Olga Salar



Sinopse

O sonho de Lady Caroline Whinthrope sempre foi viajar para a Itália para aprender as técnicas de pintura dos grandes mestres.

Tentando agradá-la, seu irmão, o marquês de Hawkscliffe, prepara a surpresa como presente em seu vigésimo segundo aniversário. O problema é que a viagem não poderia ter acontecido em um momento pior, justamente quando acaba de se comprometer com o homem que ama.

Apoiada por ele, ambos decidem manter segredo para que Caroline possa realizar seu sonho.

O que ela nunca teria imaginado era que seria forçada a regressar da Itália para evitar que seu noivo cortejasse outra mulher.

Prólogo

«Estou segura de que Julia já terá escrito para te contar a boa nova, mas eu não pude resistir a fazê-lo também, porque estou muito feliz por ela. Lorde Mountford está completamente apaixonado. Oxalá eu tenha tanta sorte, mas de momento não há nenhum cavalheiro com o qual planeje me casar e, antes que o mencione, responderei que Sebastian já não está na lista de candidatos à minha mão.

O que me recorda que é possível que em muito pouco tempo volte a te escrever, para te contar que Alice Alvanley se comprometeu com o visconde Edgehill. Ao menos ela parece decidida a caçá-lo.»

Carta de Lady Vitória Warwick à Lady Caroline
Whinthrope.

Caroline leu pela segunda vez a carta que sua melhor amiga lhe tinha enviado de Londres antes de assimilar o que acabava de descobrir. Poderia ser certo que Phillip estivesse cortejando uma dama em sua ausência? E não uma dama anônima qualquer e sim Lady Alice Alvanley, seu pior pesadelo desde que conheceu Martin em um baile de sociedade e travou amizade com ele.

Desde esse instante, Lady Alice lhe tinha tomado tal aversão que teve que aprender a evitar Martin para fugir de sua hostilidade. Até certo ponto lhe pareceu lógico que sentisse um pouco de ciúmes por seu irmão, já que ela e Martin passavam longos minutos falando de quase tudo. O visconde não era como os cavalheiros de sua idade; era amável, desinteressado e capaz de conversar sobre coisas mais interessantes do que, quanto aborrecida estava sendo a temporada, o tempo ou o calor que fazia para um mês de abril.

Caroline estava segura de que se já não estivesse apaixonada por Phillip poderia ter caído rendida ante Martin. Possivelmente era isso o que preocupava Alice, que seu irmão se apaixonasse e perdesse por completo sua atenção.

Inconscientemente começou a dar voltas ao anel que usava em sua mão esquerda. Só se permitia usá-lo quando estava a sós. Qualquer um que se fixasse no chamativo diamante de corte princesa rodeado de diamantes menores teria se dado conta do que significava, embora tivesse tratado de ocultá-lo, usando-o em outro dedo.

Por esse motivo o resto do tempo o levava oculto sob suas roupas, pendurado no pescoço por uma corrente.

Suspirou e elevou a mão até seus olhos para admirá-lo como fazia a cada dia desde que Phillip o deu.

Uma parte dela se negava a acreditar que ele fizesse algo assim, mas outra parte, mais pessimista, herdada de seu irmão, o marquês de Hawkscliffe, estava disposta a acreditar que seu prometido poderia ter se cansado de esperá-la e que estava lhe mandando uma mensagem à distância.

Antes de deter-se para pensar com mais calma, ficou em pé e abandonou o jardim no qual estava tomando o café da manhã, na vila de Florença que Lucius tinha alugado para elas e procurou a sua tia para lhe anunciar a boa nova: retornariam para casa no primeiro navio que se dirigisse à Inglaterra.

Se Phillip tinha decidido deixá-la ia ter que dizer-lhe em pessoa.

Capítulo 1

A tia Felicity estava encantada ante a ideia de retornar a Londres. Em menos tempo do que Caroline tinha esperado, dado o muito que se queixava normalmente cada vez que tinha que encarregar-se de algum assunto, tinha ordenado aos criados que preparassem os baús e recolhessem os materiais de pintura de sua sobrinha, decidida a partir o quanto antes.

Inclusive tinha escrito a Paolo Gide, o administrador designado pelo marquês, para que reservasse um camarote para elas no *Poseidón*, o navio que saía em uma semana com destino à Inglaterra.

Era como se ao saber que voltavam para casa, lhe tivesse dado as forças que necessitava para reagir. Mesmo assim sua companhia tinha sido uma bênção para Caroline. Se não fosse por ela, em várias ocasiões se veria arrastada pela melancolia e o desânimo.

Depois da morte de seus pais em uma viagem de navio pelas ilhas gregas, Lucius tinha mudado sua forma de ser. As responsabilidades unidas ao título que acabava de herdar muito cedo e o compromisso de encarregar-se de sua irmã mais nova, tinham-no convertido em uma pessoa séria e melancólica.

Afastando-se da pessoa que tinha sido em sua juventude.

Tudo isso unido ao temor que lhe davam as viagens em navio, fez com que se opusesse que sua irmã visitasse a Itália ou que fizesse algo que ele considerasse perigoso para ela, e a lista era bastante extensa.

Caroline compreendia que tivesse medo que sua única irmã viajasse de navio, dado o trágico final de seus progenitores, não obstante, ela não tinha por que sofrer o mesmo destino que seus pais. Durante anos tentou persuadi-lo para que consentisse na viagem que tanto desejava, mas tudo foi em vão. Até o dia em que fez vinte e dois anos, exatamente o mesmo dia no qual Phillip se declarou e pôs o diamante em seu dedo.

Caroline se viu obrigada a deixar de lado um dos dois sonhos que tinham dirigido sua vida durante anos: casar-se com o visconde, pelo qual se apaixonou desde a primeira vez que seu irmão o levou para casa, ou viajar à Florença para aprender as técnicas de pintura que tanto desejava dominar.

Seu afã por agradar Lucius ganhou a batalha de todo o resto. Seu interesse pela pintura ficou eclipsado por seu compromisso com o homem ao qual amava e seu amor por seu irmão determinou sua viagem.

Depois de tudo o que tinha feito para que Lucius cedesse, não podia simplesmente lhe dizer que já não lhe interessava viajar. Seu irmão tinha começado a curar-se, a abrir-se de novo ao mundo e o primeiro passo tinha sido aceitar suas súplicas. Não podia voltar atrás sem mais. Fazê-lo podia afetar Lucius, e não estava disposta a arriscar-se.

Phillip pareceu compreender seus escrúpulos e aceitou

postergar o anúncio de seu compromisso. Passou anos rogando ao seu irmão que lhe permitisse visitar a Itália e, justo quando lhe concedia o desejo, tinha que deixar de lado aquilo que a fazia mais feliz.

Mais por ele que por ela mesma, embarcou nos preparativos. Que Lucius tivesse cedido era algo bom para ele, parecia que se liberara um pouco da carga emocional que havia sido o acidente que acabou com a vida de seus pais. E Caroline não estava disposta a lhe preocupar com nada que pudesse obscurecer seu ânimo.

Seu irmão apreciava enormemente seu prometido, de fato era um de seus melhores amigos, mas isso podia mudar assim que soubesse quais eram suas intenções com sua irmã mais nova, por mais nobres que estas fossem.

Durante sua ausência Phillip se encarregaria da situação, com delicadeza faria seu irmão saber sobre suas intenções. Ao menos essa tinha sido a ideia inicial, porém depois da carta de Vitória não estava tão segura de que tivesse cumprido com sua parte.

Capítulo 2

«Retorno a casa. É provável que chegue antes inclusive que esta missiva, e se for assim e não puder lhe explicar tudo antes, quero que saiba que é a melhor amiga que tive e que espero que seja capaz de me perdoar por te ocultar a verdade. Mas não desejo contar-lhe deste modo. Farei quando estivermos frente a frente e eu possa te abraçar como eu desejo e como você merece.»

Carta de Lady Caroline Whinthrope à Lady Vitória
Warwick.

Tal e como tinha esperado Caroline, assim que desceu do navio no porto de Dover, seu irmão estava ali esperando-a.

Tinham passado quatro meses desde que se viram pela última vez. E embora fizesse apenas duas horas que estava em sua companhia, Caroline tinha percebido uma sutil mudança em Lucius. E embora tivesse tentado, não conseguia saber o que tinha mudado em seu irmão, possivelmente seu semblante estava mais relaxado e sorria muito mais do que ela recordava; ou talvez se devesse a que desde que a tinha abraçado ao desembarcar e se encarregado de tudo, com a mesma eficiência de sempre, não tinha deixado de falar. Em apenas meia hora a

tinha posto em dia sobre tudo o que tinha acontecido na alta sociedade em sua ausência, o que aumentava suas reflexões, já que não estava acostumada a que seu irmão compartilhasse intrigas com ela.

O bate-papo frívolo era uma qualidade que não se encontrava entre as virtudes de Lucius, quem sempre tinha sido das pessoas que preferiam escutar e que, por isso, quando emitiam algum julgamento, suas opiniões eram tidas em conta e respeitadas.

— Alguém sabe que eu estou aqui? — Perguntou quando deixaram a sua tia na sala privada da estalagem com uma xícara de chá fumegante em frente a ela.

Embora Caroline estivesse desejosa de retornar a Londres, tia Felicity tinha se empenhado em tomar um tempo para acostumar-se ao frio da Inglaterra. Com o propósito de estarem sozinhos, os dois irmãos a tinham deixado ali após decidir dar um passeio para esticar as pernas.

— Não, saí de Londres logo que Paolo me escreveu para dizer que em lugar de embarcarem no *Poseidón* tinham embarcado no *Netuno*.

Caroline sorriu e Lucius soube que estava tramando algo.

— Se não for um inconveniente eu gostaria que seguisse sendo assim. Necessito de um par de dias para me acostumar de novo a Londres e não desejo visitas.

— É claro, — e acrescentou com um sorriso travesso — está segura de que não deseja um chá quente e uma poltrona junta à da tia Felicity?

Caroline lhe ofereceu um falso olhar fulminante.

— Estou bem. Obrigada por tão amável oferecimento.

— Por nada.

Ela se apegou mais ao seu irmão em um gesto possessivo. Tinha sentido muito a sua falta. À parte de sua tia, não tinha a ninguém mais que a ele. Durante um tempo tinha acreditado que também tinha ao Phillip, mas já não estava tão segura de que seu prometido seguisse sentindo o mesmo.

— Lucius, voltando para o de antes, tampouco pode dizer aos seus amigos.

— Não direi a ninguém se é isso o que deseja.

Caroline assentiu com um sorriso.

— Suponho que assistirá as bodas de Vitória e Sebastian?

— Perguntou com curiosidade.

Sua irmã ficou loucamente contente quando lhe tinha contado a boa nova. Era uma pena que as cartas de Vitória cruzaram com ela, porque conhecer a notícia de seus próprios lábios teria sido muito mais bonito.

— É claro. Amanhã mesmo enviarei uma nota à Torie para que saiba que estou aqui.

— Então o segredo de sua volta é para todos os outros.

Caroline sorriu.

— Exatamente.

Capítulo 3

«Querida Caro, sei que combinamos que você ficaria em Florença por seis meses e que eu seguiria em Londres esperando sua volta, mas preciso ver-te. Não suporto mais esta separação. Se você me permitir posso estar aí em um par de semanas, só precisa que você também deseje ver-me e me encarregarei de tudo imediatamente».

Fragmento de uma carta de Lorde Phillip Carroway,
Visconde de Edgehill a Lady Caroline Whinthrope.

Sentia-se bem por estar de novo em casa. Se não fosse pela preocupação que arrastava teria sido uma das melhores sensações que Caroline tinha experimentado. Sua cama era mais macia que qualquer uma na qual dormiu antes, a comida de sua cozinheira era mais deliciosa e, não havia dúvida, o clima da Inglaterra assentava muito melhor à sua cútis que o úmido calor italiano.

Com o tato que sempre teve, Lucius não perguntou sobre os motivos que a tinham levado a uma volta antecipada, e embora Caroline soubesse que lhe devia uma explicação, decidiu que ia tomar um par de dias antes de dá-la ao seu irmão.

Centrada no que realmente a preocupava, escreveu uma nota para Lady Vitória em que a informava de sua volta e a convidava a visitá-la, não sem lhe avisar de que devia tomar as precauções necessárias para que ninguém soubesse que ela tinha voltado.

«Resultava difícil estar na mesma cidade que Phillip e não o ver», pensou Caroline.

Durante anos tinha sido seu amigo. O único dos amigos íntimos de Lucius que a tratava como algo mais que a irmã mais nova do marquês.

Secretamente Caroline tinha sonhado com algo mais, mas nunca acreditou que Phillip chegasse a amá-la do modo que ela desejava. Então foi apresentada em sociedade e a atitude dele mudou durante os dois anos seguintes.

Parecia empenhar-se em competir com seus pretendentes por conseguir sua atenção. Inclusive Lucius, alheio a tudo, brincava com que seu amigo era muito mais vigilante e protetor com Caroline que ele mesmo.

E justo quando ela estava começando a ter esperanças, rejeitando todas as petições que se fizeram por sua mão, Phillip a beijou e ela sentiu que tocava o céu com os dedos.

O problema foi sua reação posterior, evitou-a durante semanas, como se pretendesse lhe fazer saber o muito que se arrependia de havê-la beijado.

Por tudo isso, em um ataque de raiva, Caroline confessou ao seu irmão que estava pensando seriamente em aceitar a petição de matrimônio que lhe tinha feito Lorde Der, sabedora de que Lucius comentaria com seus amigos mais íntimos, entre

os quais se encontrava Phillip. Depois de sua falsa confissão tudo se precipitou, Phillip lhe confessou o que sentia por ela e se comprometeram.

Estavam a ponto de anunciá-lo quando Lucius lhe deu de presente a viagem de seus sonhos e, embora estes tivessem trocado, a lealdade que devia ao seu irmão a obrigou a aceitar o presente e deixar para trás o homem ao qual tinha amado sempre.

Saiu de seu devaneio quando Dawkins pigarreou em frente a ela.

Caroline elevou a cabeça para responder e viu Vitória atrás do mordomo.

Não foi necessário nada mais. De um salto pouco feminino, ficou em pé e correu a abraçar sua amiga, que ria e chorava igual a ela.

Capítulo 4

«Parece que certa incomparável está ultimando os detalhes para as outras bodas do ano na mesma família. Tomarão exemplo de seus amigos Lorde P e Lorde L? Não há dúvida de que, se o milagre se produzir, esta temporada ficará gravada para sempre na história».

Revista Segredos da Sociedade.

Depois de dez minutos de bate-papo Caroline se deu conta de duas coisas: a primeira foi que sua amiga estava profundamente apaixonada por seu prometido, coisa que já sabia. O que lhe surpreendeu foi que ele sentisse o amor com essa mesma intensidade por ela, dado o caráter volúvel do qual Sebastian sempre tinha mostrado; a segunda coisa que descobriu foi que o amor assentava estupendamente bem em Vitória.

Estava radiante, por dentro e por fora e, apesar de suas próprias circunstâncias, devia reconhecer que esse otimismo era contagioso.

— Mas já é suficiente falar de mim. Me conte! Por que retornou antes do tempo? Sua tia está bem de saúde? — Perguntou visivelmente preocupada.

Caroline tomou ar com lentidão e esticou as mãos para agarrar as de sua melhor amiga entre as suas.

— Há algo que devo te contar. Quando o fizer te pedirei perdão e você decidirá se me concede isso ou não.

— Está me assustando, Caro. O que acontece?

— Há algo que não te contei. Não disse a ninguém e, embora o que vou dizer pode soar como desculpa, juro-te que é totalmente certo. Não lhe contei porque se o tivesse feito não teria tido forças necessárias para partir. Dizer-lhe isso teria dado realidade a algo que eu necessitava que ficasse como em um sonho por uns meses mais.

— Do que está falando?

— Estou prometida.

Vitória piscou várias vezes, olhou-a com intensidade e, depois, com lentidão, foi esticando os lábios até convertê-los em um sorriso radiante.

— Isso é maravilhoso, Caro!

— Não te importa que lhe tenha ocultado? E não vais perguntar-me com quem?

Ela negou com a cabeça.

— Entendo que me ocultasse isso e não é necessário que te pergunte porque já sei de quem se trata. — Demorou um segundo em compreender a gravidade da situação, mas quando o fez, abriu os olhos desmesuradamente e exclamou: — Oh, meu Deus! Está de volta por minha culpa — adivinhou.

— Não foi sua culpa e sim de Phillip.

— Acreditava que já não sentia nada por ele. Se soubesse, não teria escrito sobre a intriga. De um dia para o outro deixou

de falar dele. E eu supus...

— Não foi sua culpa, Torie.

— Tampouco foi culpa dele, Caro. Não tem que preocupar-se por nada. Foi uma das loucuras da Alice. Não teve maior importância.

— Por favor, se explique.

Sua amiga a olhou com os olhos entrecerrados.

— Não o farei enquanto não me conte até o último detalhe de seu compromisso. Como se declarou? Quando?

— De acordo, — aceitou e sorriu ao recordar — foi lindo, Torie.

Durante o seguinte quarto de hora Caroline pôs Vitória a par de tudo o que tinha acontecido entre ela e Phillip.

De como este se decidiu a falar de seus sentimentos quando lhe tinha feito acreditar que estava a ponto de aceitar a mão de outro pretendente.

— Ciúmes? — Vitória riu. — Isso foi muito engenhoso. Como sabia que ele reagiria?

— Não sabia — Caroline confessou.

Seguiram falando do tema até que a anfitriã lhe falou de seus planos mais imediatos.

— Não desejo que ninguém saiba que retornei até o dia de suas bodas. Porém, depois do que me contou, não vou pedir que oculte de Sebastian.

— Obrigada. Pode parecer uma tolice, mas não desejo começar meu matrimônio mentindo, embora seja por omissão.

Caroline lhe agarrou a mão e a apertou com afeto.

— Entendo. Agora me conte por que Lady Alice tentou

pescar meu prometido.

Notou que os olhos de Vitória se acenderam com um sorriso.

— Oh, Caro! Alice é tão divertida, tão direta e original — se deteve para explicar — pode ser que não seja original no sentido que a sociedade lhe dá à palavra, mas me acredite que o é. É uma pessoa maravilhosa.

— Deveria estar ciumenta de sua amizade com ela? Ou só devo estar por seu interesse em Phillip? — Inquiriu tentando esconder seu mal-estar.

— Não teria que estar ciumenta em nenhum caso. Phillip não interessa a Alice, ao menos não mais do que lhe interessam os outros cavalheiros solteiros de Londres.

Caroline enrugou o cenho.

— Torie, está me confundindo.

A aludida suspirou, resignada a falar além da conta. Se pretendia tranquilizar Caroline ia ter que trair a confiança que Alice tinha depositado nela, mas não tinha nenhuma dúvida de que fazê-lo ia ser benéfico para ambas: Caroline compreenderia os atos de Alice aproximando-a a ela e apagando sua aversão; e Alice contaria com uma nova amiga que a compreenderia e a acolheria, tal e como ela necessitava.

— Alice deseja desesperadamente casar-se. O que menos lhe preocupa é com quem fazê-lo.

— Está grávida?

— Não. É muito pior.

— Torie, o que pode ser pior que cair em desgraça entre a alta sociedade?

— Ter pais que a desprezam — Vitória disse surpreendendo Caroline e a certo cavalheiro que escutava a conversa atrás da porta entreaberta.

Capítulo 5

Lucius Whinthrope, marquês de Hawkscliffe, não pretendia escutar a conversa privada que sua irmã mantinha com sua melhor amiga. Tinha sido simples casualidade que passasse diante do salão rosa, caminho de seu escritório justo no instante em que Vitória nomeava Lady Alice Alvanley. Depois desse momento, a curiosidade lhe impediu de continuar seu caminho.

Sua parte mais nobre sabia que estava fazendo mal ao intrometer-se em conversas privadas, mas havia uma parte de si mesmo que Lucius acabava de descobrir, que era a culpada de que seguisse cada palavra que Vitória pronunciava sobre dita dama com um intenso interesse.

Partiu silenciosamente quando o tema mudou, mas o que tinha descoberto sobre a mulher que lhe roubava o sono lhe fez ficar toda a manhã desconcentrado e pensativo. Tanto que acabou por despachar seu secretário e deixou de fingir que conseguia trabalhar.

«Como podiam uns pais, por mais filhos que tivessem perdido, serem tão desalmados com outro deles?», perguntou-se. «Acaso era mais importante para eles seu filho que sua filha?»

Tentou recordar a explicação que a família tinha dado a respeito da morte de Martin. Se a memória não lhe falhava, o

visconde havia falecido de umas febres. Esteve doente durante dias até que seu corpo não pôde resistir mais à enfermidade. Tinha acontecido durante o mês de fevereiro, recordava, no imóvel familiar em Kent e o recordava porque tanto ele, como Sebastian e Phillip, deslocaram-se até ali para assistir ao funeral.

Tentando desentranhar o mistério, esforçou-se por voltar para aquele instante, mas tinha passado muito tempo e quão único tinha nítido em sua memória era Alice completamente destroçada e sozinha sentada na primeira fila da capela familiar enquanto seus pais se aconchegavam um ao outro.

Nesse momento não deu importância ao ver que seus pais estavam em outro banco, sentados juntos e abraçados, mas depois do que tinha escutado compreendeu que essa tinha sido a primeira rejeição que Alice tinha sido vítima e, sem entender realmente por que, começou a lhes odiar.

Capítulo 6

Caro era consciente de que mal conhecia Lady Alice Alvanley e que, talvez, apressou-se em julgá-la. Desejosa de forjar sua própria opinião, aceitou o convite de Vitória para acompanhá-la a tomar o chá em casa de sua arquirrival e se obrigou a deixar para trás as ideias preconcebidas que criou sobre ela.

Para evitar ser reconhecida, vestiu-se de rigoroso negro e cobriu o rosto com um chapéu com véu, que a ocultava dos olhares curiosos. Parecia uma jovem viúva, como tantas outras depois da guerra.

Que Lucius não se empenhasse em que usasse a carruagem familiar, ajudou-a a não ser reconhecida e contribuiu à sensação que a tinha embargado ao desembarcar na Inglaterra sobre a inesperada mudança produzida em seu irmão.

A casa de Lady Alice estava a só umas ruas da sua, portanto o trajeto foi breve, e certamente foi o que propiciou que seu irmão lhe permitisse viajar em uma carruagem alugada.

O mordomo que lhes abriu a porta, um homem de meia idade com o cabelo grisalho mais comprido do que o habitual para um criado, acompanhou-as até a estufa na qual, conforme

lhe disse Vitória, Alice passava muito tempo cuidando de suas mudas e de suas plantas e, claramente, fugindo de seus próprios pais.

— Torie, que alegria te ver. Não esperava que viesse — a anfitriã a saudou vestida com um singelo vestido de trabalho cinza e um avental branco.

— Você me convidou — sua amiga sorriu.

— Sei. O que acontece é que imaginei que estaria muito atarefada com as bodas para poder vir me visitar — comentou ao mesmo tempo que limpava as mãos de terra no avental. Nesse preciso momento foi consciente de que havia alguém mais, por isso cravou o olhar em Caroline e lhe ofereceu um sorriso de boas-vindas. — Não sabia que viria acompanhada, — se desculpou — se soubesse teria pedido à Quince que lhes levasse ao meu salãozinho.

— Este lugar é perfeito — Caroline comentou sem retirar o véu do rosto.

Alice se manteve em silêncio, à espera de que sua amiga apresentasse a sua misteriosa visitante, mas algo na expressão de Vitória deu a entender à Alice que esta não diria nada até que o mordomo não as deixassem a sós.

— Quince, pode ordenar que nos tragam o chá aqui, por favor. Ao que parece as damas gostam do meu refúgio.

— Às suas ordens, milady — se inclinou com uma exagerada reverência e Vitória, que já sabia dos exageros do mordomo, esforçou-se por segurar a risada.

Caroline esperou estarem sozinhas para subir o véu e deixar seu rosto descoberto.

— Olá, Alice.

A aludida abriu a boca para responder, mas não sabia o que dizer, então voltou a fechá-la. Sabia que Vitória e Caroline eram amigas, toda a sociedade estava a par disso, não obstante, nunca teria imaginado que a visitasse. Sua relação nunca tinha sido boa e, por outro lado, supunha-se que estava na Itália. «*Um momento*», pensou, «*por que ia vestida de luto rigoroso? Teria acontecido algo ao marquês?*»

Deve ter feito uma expressão horrorizada porque Caroline adivinhou o que queria dizer antes que lhe pusesse voz.

— Estou de negro para que ninguém saiba que retornei.

— Lucius está bem?

Apesar da pergunta lhe parecer estranha, Caroline assentiu.

Notou que Alice relaxava um pouco.

— Acredito que nos tornamos amigos — anunciou com certo acanhamento e embora Caroline tentasse recordar algum momento no qual ela lhe parecesse tímida não conseguiu lembrar de nenhum.

«*Lady Alice teria algo a ver com a inesperada mudança de seu irmão?*» Teria que ficar atenta para não perder qualquer encontro entre eles.

Para sua completa surpresa era quase a hora do jantar quando Vitória e ela abandonaram a estufa de sua recém estreada amiga.

Em algumas horas, tinha descoberto quão acolhedora

podia ser qualquer estadia se contava com a companhia adequada e o afã do anfitrião por fazê-lo agradável.

E ali, entre o aroma da terra e das flores, tinha descoberto que Lady Alice Albanley era uma boa pessoa e uma amiga excelente. De fato, tinha sido ideia sua, grande parte do plano que Caroline tinha pensado pôr em prática para assegurar-se de que seu compromisso com Phillip seguia sendo forte e apoiado no amor.

Capítulo 7

«Desconcerta-me seu silêncio e, embora não compreendo o motivo, sei que devo tomá-lo como uma negativa. Às vezes duvido de que esteja segura da decisão que tomou ao aceitar minha proposição».

Fragmento de uma carta de Lorde Phillip Carroway,
Visconde de Edgehill à Lady Caroline Whinthrope.

As bodas de Lady Vitória Warwick chegaram com tanta rapidez que Caroline encontrou-se tão nervosa como a própria noiva. Por fim ia se encontrar com Phillip e, embora soubesse o que ia dizer-lhe, não estava de todo segura de que ele aceitasse os novos termos de seu compromisso.

Seus sentimentos por Phillip eram os mesmos de quando partiu. Os que punha em dúvida eram os do visconde e se pretendia ser feliz em seu matrimônio precisava assegurar-se de que seu prometido se casava com ela pelos motivos adequados. Sua proposta tinha chegado de um modo inesperado, como resposta ao interesse de Caroline por outro cavalheiro e, apesar de tudo, ela não tinha duvidado um só instante da profundidade dos sentimentos de Phillip por ela. Como não ia fazê-lo se estava completamente apaixonada por

ele quando fez a proposta?

Não obstante, uma vez em Florença, com a serenidade que lhe contribuía a distância, permitiu-se alimentar seu amor com as cartas que lhe escrevia.

Epístolas doces e apaixonadas que esperava com ilusão. Mas então havia chegado a missiva de Lady Vitória e o castelo de cartas que tinha construído para albergar seu amor, cambaleou-se, lhe pondo diante as dúvidas que se negou a deixar sair.

Porque o visconde jamais a tinha cortejado, nunca teve que esforçar-se para ganhar nem seu afeto nem sua atenção.

Quão único tinha precisado fazer para que lhe aceitasse tinha sido que se declarasse. E agora Caroline pensava se o único motivo pelo qual o tinha feito era por aquele afã protetor do qual Lucius tanto zombou. Fosse como fosse, era consciente de que o tinha posto muito fácil desde o começo, embora nesse instante estivesse mais que disposta a emendar seu engano e a assegurar-se de que o amor era o único motivo de seu enlace.

Caroline atrasou tudo o que pôde sua aparição na igreja, pois como a mais íntima amiga da noiva tinha que ocupar seu lugar no banco mais próximo ao altar, isso provocaria que todos os assistentes a vissem atravessar o templo.

Seu passeio foi mais suportável porque contava com o apoio de seu irmão, o marquês, que a escoltou até seu lugar junto à família de Vitória. Para não cair em tentações se obrigou a olhar para frente em todo momento, centrando seu

interesse em Brianna e no duque, que já estavam sentados.

A irmã de sua melhor amiga, como se soubesse o que estava acontecendo em seu interior, encorajou-a com sorrisos e cobriu sua mão com a sua quando tomou assento ao seu lado.

— Me alegre muito de voltar a ver-te — saudou com afeto.

— Igualmente, Sua Graça.

— Oh, não! Por favor, Caro, posso te chamar assim? -Não esperou resposta. — Conhecemo-nos há muito tempo para que me fale com tanta formalidade. Sou Brianna, querida, como sempre.

Ela sorriu.

— Tem razão. É que estou nervosa.

A duquesa a olhou com afeto.

— Vai ser uma cerimônia linda — vaticinou acreditando que o que lhe preocupava eram as bodas que iam acontecer.

Mesmo assim acertou por completo com sua previsão. As bodas religiosas e o café da manhã posterior foram perfeitos e inclusive seu encontro com Phillip pôde qualificar do mesmo modo.

O visconde de Edgehill esfregou os olhos com força quando viu Lady Caroline cruzar frente a ele, sua prometida, enquanto seu coração se acelerava do mesmo modo amalucado que fazia quando esporeava seu baio em campo aberto.

A impressão de vê-la impediu de pensar com prudência. De fato, passaram vários minutos nos quais se debateu entre aproximar-se dela ou captar sua atenção na distância para que

fosse consciente de sua presença, até que compreendeu que Caroline tinha retornado a Londres sem lhe informar sequer de seus planos e seus desejos de aproximar-se dela mudaram para desgosto e confusão.

Por tudo isso, passou a cerimônia na expectativa de cada um de seus movimentos, ansioso por abordá-la e esclarecer o que acontecia. Ela poderia ter chegado antes da carta em que lhe anunciava sua volta? Tentou serenar-se até poder falar com ela e esclarecer o acontecido.

Não obstante, apesar de suas preocupações, não pôde evitar dar-se conta do quão formosa estava com um vestido azul celeste e prata que ressaltava sua pele. Sua beleza rivalizava com a da noiva, que caminhava até o altar pelo braço de seu pai.

Por sua própria paz mental obrigou-se a deixar de pensar em que, embora Caroline sabia de sua presença na igreja, dada sua estreita amizade com o noivo, em nenhum momento o buscou com o olhar. Nenhuma só vez apartou o olhar do que estava acontecendo em frente a ela.

Capítulo 8

Lucius lhe tinha evitado uma situação incômoda e não podia estar mais agradecida ao seu irmão mais velho por isso.

Ao chegar acompanhada do marquês, seu encontro com Phillip tinha transcorrido com bastante normalidade, se deixasse de lado os olhares que o visconde lhe tinha dirigido. Mesmo assim, limitaram-se a saudar-se como dois velhos amigos que se reencontram depois de alguns meses separados. E as recriminações e as perguntas tinham ficado sem pronunciar.

Caroline não duvidava de que Phillip encontraria o momento adequado para abordá-la, por isso tinha se mantido acompanhada em todo momento.

Não obstante, a curiosidade ao ver como seu irmão se aproximava de Lady Alice e cercava uma conversa com ela, claramente íntima, tinha obtido que se separasse do grupo de Brianna e se visse na situação que precisamente tentava evitar.

— Caro.

Deu a volta devagar.

— Olá, Phillip.

— Olá? Isso é tudo o que vai me dizer depois de seis meses sem nos vermos?

— É tudo o que vou dizer-te neste momento.

— Caro, o que acontece? Por que não me avisou de sua volta?

Ela sorriu fingindo que a conversa era banal e irrelevante; não tinha intenção de que ninguém suspeitasse do que estava acontecendo. Em qualquer caso, não pretendia fazer Phillip sentir-se mal, amava-o, mas por cima de seu próprio amor precisava assegurar-se de ser correspondida. E embora tivesse notado a dor em sua voz e a necessidade de saber, tinha que atuar tal e como tinha planejado e deixar-se levar por seus sentimentos não era uma opção que fosse favorecê-la.

— Esta noite vai ao recital dos Torrington?

Ele encolheu os ombros.

— Farei se assim o desejar.

— Faça! Falaremos lá, então.

— Não pode pretender que eu espere até a noite para saber o que está acontecendo — protestou com ênfase.

Caroline nunca o tinha visto zangado. Phillip era uma pessoa afável e educada que não perdia as maneiras nem os nervos.

— Não podemos falar agora.

— Irei à sua casa, se for necessário — insistiu.

— Phillip, por favor, esta noite falaremos. Não quero dar isca aos fofoqueiros.

Phillip assentiu com a cabeça e sua expressão se tornou hermética quando se fixou em suas mãos nuas. Caroline tinha tirado as luvas para não mancha-las com o bolo de groselhas e tinha esquecido de colocá-las novamente.

Sabia à perfeição o que Phillip estava olhando e ao ver sua

expressão esteve tentada a tirar o anel da corrente que levava pendurada ao pescoço, mas se deteve a tempo.

Amava o visconde desde que era capaz de recordar e estava disposta a tudo com tal de que ele sentisse o mesmo por ela.

— Te verei esta noite, Phil

— Ali estarei.

Capítulo 9

«Há ocasiões nas quais esta redatora se pergunta se os conflitos amorosos que tanto atraem a alta sociedade são, em realidade, os impulsores do êxito de certos eventos».

Revista Segredos da Sociedade.

O recital dos Torrington estava tão concorrido quanto qualquer um dos bailes que aconteciam durante a temporada social.

A marquesa tinha conseguido que Giuseppe Pieri e Maria Messina cantassem para seus convidados, o que não tinha sido nada notável dado que ambos eram cantores na ativa. Porém, a hostilidade mútua que mostravam cada vez que a ocasião propiciava era de domínio público e um estímulo para que a assistência estivesse assegurada.

Todos os empresários do mundo do teatro tinham tentado, em um momento ou outro de sua carreira, juntá-los sem êxito.

Ou por culpa de um ou do outro, ambos se negavam a compartilhar o palco com seu compatriota. Por isso, o êxito de Lady Torrington tinha propiciado que não coubesse uma alma no salão habilitado para o recital, o que favorecia tanto quanto entorpecia a conversa que Phillip pretendia manter com sua

esquiva prometida.

De qualquer maneira, não ia deixar passar a oportunidade de falar com Caroline e resolver o assunto de uma vez. Tinha sido paciente e considerado, mas tinha chegado o momento de anunciar de uma vez por todas seu compromisso e essa noite era tão perfeita como qualquer outra.

Não havia nenhum motivo que justificasse o adiamento, amava-a e estava desejoso de começar sua vida com ela.

Seguia pensando nisso quando alguém se deteve ao seu lado. Viu-se obrigado, pela cortesia, a girar com um sorriso que ficou congelado nos lábios quando viu quem era.

— Lady Alice — saudou por obrigação. — Boa noite.

— Boa noite, visconde. Que surpresa vê-lo em um evento como este.

— Surpresa? Eu gosto da música — replicou à defensiva.

— Não se ofenda. O que queria dizer é que pensei que talvez fosse a um dos bailes que acontecem esta noite ou que talvez passasse a noite em seu clube.

Phillip enrugou o cenho.

— Por que pensou em mim, milady?

Ela piscou, surpreendida pela pergunta impertinente.

— Por favor, desculpe-me. É só que...

— Não se preocupe, milorde, não é necessário que diga nada mais. Captei a mensagem à perfeição — deu a volta disposta a partir, mas um imponente peito e uns largos ombros a impediram, ao ficar diante dela.

— Boa noite, Lady Alice — o marquês de Hawkscliffe saudou.

— Se me desculpar, milorde — ela disse afastando-se a toda pressa deles.

— O que lhe fez, Edgehill?

Phillip suspirou cansado e se separou de seu amigo sem dignar-se a responder.

Consciente de que os assistentes estavam começando a tomar assento se dirigiu para as cadeiras mais próximas à porta principal, se por acaso se visse obrigado a abandonar a sala.

Não se sentia com forças para conversas irrelevantes. A única que lhe interessava manter era a que tinha pendente com sua prometida, quem apareceu nesse instante pela porta e cravou seus brilhantes olhos nele.

Ia acompanhada por Lady Julia Barrows, recente Lady Mountford e, quando estava seguro de que passaria ao longo, viu-as aproximarem-se de onde ele estava sentado.

— Estão livres estes assentos?

— Estão.

— Obrigada.

Phillip fez uma inclinação de cabeça e Caroline sentou ao seu lado, enquanto Lady Julia fazia o mesmo sentando-se do outro lado de sua prometida.

— Me alegro de ver-te, — ela comentou — não estava segura se viria.

— Sim, a verdade é que não me deixou outra opção.

Caroline tomou fôlego com lentidão, como se precisasse serenar-se para dizer algo que lhe preocupava. Ele soube que o que ela temia era sua resposta. A conhecia tanto que podia

antecipar-se às suas palavras.

— Verá, Phil, eu gostaria que tomássemos um tempo antes de anunciar nosso compromisso.

Ele a olhou com intensidade em completo silêncio.

— Parece-te que seis meses foram pouco tempo, querida?
— Inquiriu enfim.

— O que acredito é que foi tudo muito rápido.

— Como diz? — Interrompeu. — Acredito que perdi o fio de seus pensamentos.

— Não houve cortejo, — sussurrou tentando manter a conversa sem que ninguém os escutasse — ninguém jamais suspeitou do seu interesse por mim. Se anunciássemos o compromisso agora que acabo de retornar de uma viagem longa haveriam comentários. Diria que o faz para me proteger.

Sendo sinceros, a Caroline não podia importar menos o que dissesse a alta sociedade, não obstante, sabia que a Lucius importaria e, sobretudo, estava segura de que Phillip se preocuparia mais que ninguém por sua reputação e, esse era o melhor modo de conseguir o que desejava sem que se sentisse enganado ou zombado.

O visconde se manteve em silêncio uns minutos. Caroline chegou a pensar que não diria nada mais durante o resto da noite, mas então olhou-a e lhe anunciou que a recolheria à tarde seguinte para dar um passeio e começar de uma vez o cortejo. Assim mesmo, nessa mesma noite estava decidido a falar com Lucius e lhe notificar de suas intenções.

Ambas as notícias alegraram o coração da jovem, que decidiu que o visconde parecia sinceramente contrariado pelo

adiamento.

— Obrigada, Phillip, por ser tão compreensivo.

— Uma coisa mais, Caro, — disse com um olhar tão intenso que coloriu as bochechas da dama — vou cortejar-te como considero melhor para minha causa.

— Não compreendo.

— Vou tentar te convencer de que façamos o anúncio de nosso compromisso com meus próprios métodos. Sobretudo, beijos, embora não descarto outras formas igualmente prazerosas...

Caroline não foi capaz de pronunciar palavra. A lembrança das poucas carícias que tinham compartilhado embotou seus sentidos e silenciaram sua língua.

Capítulo 10

Caroline levava todo o dia alterada. Depois de sua conversa com Phillip, ele tinha feito o que se esperaria de qualquer pretendente e passou o resto da noite ao lado dela e pondo má cara aos admiradores que se atreveram a tentar captar sua atenção ou a convidá-la a dançar.

Por tudo isso, ao chegar a casa não tinha sido capaz de conciliar o sono até bem entrada a madrugada, preocupada que Phillip se cansasse de suas exigências e a convidasse a cancelar o compromisso. Sabia, com certeza, que ele jamais romperia a palavra dada, era muito cavalheiro para fazê-lo. Porém, cabia a possibilidade de que pedisse a ela que o fizesse e esse temor a tinha posto em claro por muitas horas, motivo pelo qual despertou tarde no dia seguinte.

E para acrescentar suas preocupações, Mary, sua criada, tinha-a informado que seu irmão desejava falar com ela assim que tomasse o café da manhã, por isso a estava esperando em seu escritório.

Consciente do que Lucius pretendia tratar com ela, tomou o café da manhã na cama e demorou um pouco para descer. Precisava ordenar seus pensamentos e tranquilizar-se.

Como tampouco podia atrasá-lo mais, armou-se de coragem e se dirigiu ao encontro de seu irmão, que a esperava

aparentemente tranquilo atrás de sua escrivaninha.

— Bom dia, Caro.

— Informaram-me que desejava falar comigo esta manhã.

— Assim é, sente-se, por favor.

Ela fez o que lhe pedia e esperou que Lucius tirasse o tema que a tinha levado até ali.

Entretanto, seu irmão não parecia muito animado a fazê-lo.

Viu-lhe passar as mãos por seu cabelo loiro, três tons mais claro que o seu próprio, mas se manteve em silêncio.

— E? — Perguntou, nervosa de estar ali sentada em silêncio.

— Não há nada que deseje me contar primeiro, querida irmã?

Relaxou, Lucius não parecia irritado, mas sim na expectativa e possivelmente preocupado.

— Phillip falou contigo e pelo que vejo te pôs a par de toda a história.

— O fez.

— E? Não vai dizer nada a respeito?

— Quão único vou dizer para que possa deixar de tremer é que eu já sabia.

— Como diz?

— Por que acredita que aceitei de repente que viajasse à Itália? Desejava que tivesse ocasião de analisar suas opções antes de se lançar atrás de um compromisso que era impossível que tivesse meditado. Tenho que acrescentar que não é um segredo o que sente por ele.

— Isso quer dizer que está contra minha eleição?

— Quer dizer que apoiarei o que decidir, embora isso não significa que não vá servir-te em bandeja de prata outras opções, para que tenha certeza que Phillip é quem realmente quer e que não se trata de um amor infantil.

— Acreditava que você gostava do visconde.

— E eu gosto. É um dos meus melhores amigos. O problema é que gosto mais de você e te desejo o melhor. Não obstante, se finalmente decidir que Phillip é quem vai fazer-te feliz, a apoiarei incondicionalmente.

— Deduzo que está de acordo com minha decisão de atrasar o anúncio do compromisso.

Lucius assentiu com serenidade.

— Pode ser que Phillip seja o melhor para mim — Caroline murmurou sem apartar o olhar de seu irmão.

— Já disse que aceitarei sua eleição. Minha única preocupação é que você seja feliz.

— Obrigada, Lucius. — Levantou-se da cadeira e foi abraçar seu irmão. — Não posso acreditar que sabia e que não me disse nada.

— Esperava que confiasse o suficiente em mim e me contasse espontaneamente.

— Não queria te decepcionar.

— Você nunca me decepcionaria, Caro. — Devolveu-lhe o abraço com afeto.

— É minha única irmã. Não lhe permitiria isso.

Caroline riu, feliz. Uma de suas preocupações acabava de saldar-se com triunfo. Agora ficava a seguinte: seu encontro

para passear com Phillip, o melhor modo de que a alta sociedade soubesse que estava sendo cortejada pelo visconde.

Capítulo 11

Caroline sabia que estava levando Phillip muito longe, mas era indispensável para sua própria prudência conhecer sua reação à tentação.

Precisava estar segura de seus sentimentos e seu plano era o melhor modo de tirá-los à luz sem lhe expor diretamente o problema.

Acabavam de chegar ao Hyde Park quando viu Lady Alice aproximar-se pela extremidade do olho e sorriu interiormente; sua amiga tinha enviado uma nota essa mesma manhã para lhe contar a reação que teve o visconde quando se aproximou dele no recital dos Torington e, embora uma parte dela se sentisse mortificada por obrigar Alice a passar tão mau momento, outra menos solidária estava encantada com a relutância de seu prometido ao intento de paquera da jovem.

Preparou-se para o encontro no meio do parque, que ambas tinham orquestrado depois do convite do visconde, e se mostrou extremamente amável com ela quando os saudou e deteve-se para conversar. Tão amável que a convidou a unir-se ao seu passeio, obrigando com isso que Phillip lhe oferecesse seu braço livre.

Lady Alice aceitou pedindo à sua donzela que se unisse à Mary, quem, como boa acompanhante, caminhava uns passos

atrás do casal.

— Ontem estive a ponto de me aproximar para te saudar, mas Lorde Burns me interrompeu e, quando por fim pude fazê-lo já não te vi — Caroline comentou com um sorriso radiante.

Phillip teve o bom tino de manter-se à margem da conversação. Ou talvez o fez pela surpresa que teve ao perceber a camaradagem entre as duas damas.

Sempre tinha acreditado, ao parecer equivocadamente, que odiavam profundamente uma à outra.

— Teria me encantado falar contigo. Nem sequer sabia que tinha retornado. Já sabe que não sou das que fazem ouvidos às intrigas, — sorriu descarada — porque estou segura de que sua volta inesperada está sendo a fofoca de toda Londres.

«*Bem feito!*» Pensou Caroline, Alice tinha encontrado o modo de dar credibilidade às palavras que Caroline disse na noite anterior.

Com essa simples observação tinha dado força ao feito de que o mais prudente para sossegar os comentários mal-intencionados era que houvesse um cortejo público antes do anúncio do compromisso.

— Estou segura de que haverá.

— Visconde, que silencioso está esta tarde — Lady Alice comentou com voz melosa. — Ontem estive muito mais loquaz.

Lorde Phillip teve a decência de ruborizar-se pelo sarcasmo da jovem.

— Pareceu-me mais oportuno deixá-las desfrutar de seu reencontro.

— Sem dúvida foi o mais inteligente que poderia ter feito,

Edgehill — aprovou uma voz masculina atrás deles.

Os três se detiveram para comprovar quem tinha falado e se toparam com o olhar intrigado do marquês de Hawkscliffe.

— Lucius, não sabia que tinha intenção de sair. Quando parti estava fechado em seu escritório com o administrador — comentou sua irmã.

— Necessitava de um pouco de ar fresco.

Lady Alice dissimulou um sorriso, sabedora de que o único motivo pelo qual o marquês deixaria o trabalho de lado era por sua irmã, o que indicava que estava ali para vigiá-la.

Lady Caroline não opinava o mesmo que sua amiga, suas especulações se dirigiam para a mulher que tinha diante. Poderia ser que o moderado Lucius estivesse interessado no torvelinho que era Alice? Sorriu ante a ideia.

— Nesse caso tem que passear conosco, querido — estava soltando Phillip para aproximar-se de seu irmão e passear com ele quando o marquês se adiantou.

— Lady Alice, se importaria de trocar o braço de Lorde Edgehill pelo meu? Há algo que eu gostaria de falar com você.

Tanto a aludida como sua irmã lhe lançaram um olhar fulminante que o fez dar um passo para trás pela surpresa.

— É claro, milorde, será um prazer passear com você - anunciou a dama, embora só teria que olhá-la aos olhos para descobrir que estava mentindo.

O marquês demorou vários segundos em reagir. Estava acontecendo algo estranho que tinha a ver com as duas damas e o cavalheiro que tinha diante e por Deus, estava decidido a averiguar o que era.

Capítulo 12

«Parece que Lorde P decidiu seguir os passos de seus amigos, tal e como vaticinamos nesta revista, e está decidido a ser o seguinte em caminhar direito ao altar. A dúvida é, quem será a escolhida porque lhe viram passear pelo braço com duas adoráveis jovens solteiras».

Revista Segredos da Sociedade.

Caroline Whinthrope praticamente tinha evitado ficar a sós com Phillip desde que tinha retornado a Londres. Com o que não tinha contado era com a safadeza de seu prometido, que antes de sê-lo tinha sido tachado por muitos como um dos libertinos mais encantadores de toda a Inglaterra.

Por isso, quando a convidou a dançar, aceitou sem preocupar-se com nada mais que estar entre seus braços. Depois de tudo, o que podia acontecer no meio de uma pista de baile cheia de gente? E seguiu pensando o mesmo até que, com as voltas e voltas que Phillip a obrigou a dar, acabaram em frente à porta do terraço da mansão dos Fenton.

— Saíamos a tomar um ar fresco — ofereceu com um sorriso tão encantador que Caroline esteve segura de que ele era capaz de convencer até o mais resistente a fazer o que ele

quisesse.

— A valsa não terminou — Caroline protestou.

— Para nós sim.

— Vão nos ver partir.

— Só vamos dar um passeio pelo jardim. Há vários casais fora, portanto, sua reputação estará a salvo.

Caroline desistiu. O certo era que desejava estar a sós com ele, mas temia que Phillip aproveitasse a ocasião para cumprir sua ameaça e seduzi-la com seus beijos. Se assim o fizesse estaria perdida.

Ainda relutante saiu com ele ao terraço e continuaram a descer as escadas que se abriam para o jardim. Tal e como havia dito Phillip haviam mais casais passeando. A temperatura era suave e o labirinto dos Fenton era famoso entre a alta sociedade pelo que muitos tinham aproveitado a ocasião para admirá-lo.

— Quer ver o labirinto? — Ela perguntou com acanhamento.

— Não. Agora mesmo está cheio de curiosos. Prefiro passear, se não estiver cansada. Resultará mais fácil falar sem sermos ouvidos.

— Falar? — Caroline foi consciente da decepção em sua voz.

O visconde assentiu.

— Se for te cortejar como dita a alta sociedade, acredito que podemos começar por uma conversação em que nos confessemos nossos segredos mais profundos — apontou com um sorriso.

— Você já sabe tudo de mim. Conhecemo-nos desde sempre.

Phillip sorriu sabendo-se vitorioso.

— Quer dizer que podemos saltar essa parte do cortejo?

Caroline se ruborizou.

— Suponho que sim.

— Bem! — Deteve-se em frente a ela e a beijou.

Caroline não se deu conta de que a tinha levado para a região menos transitada e de que estavam sozinhos entre os jasmims, que lhes ocultavam do resto do mundo.

Umedeceu os lábios, um gesto inocente que atraiu a atenção de Phillip para sua boca e acendeu ainda mais o fogo que ardia em seu olhar.

Seu prometido se aproximou mais dela. Seus olhos se fecharam. O quente fôlego do visconde sobre sua pele produziu uma onda de ardentes calafrios que lhe percorreram todo o corpo, acendendo todas as suas terminações nervosas. Lhe acariciou a garganta com os lábios enquanto passeava os dedos pela sensível pele de seus seios.

Não era a primeira vez que um homem a beijava, como filha e irmã de um marquês, muitos cavalheiros a tinham cortejado em busca de seu dote; nem sequer era a primeira vez que Phillip o fazia. Porém, sentiu a experiência completamente distinta. Suas carícias estavam despertando uma sensualidade que jamais teria acreditado possuir.

Phillip baixou a cabeça e roçou seus lábios com os dela, acariciando-os, antes de aferrar-se a eles em um beijo longo e apaixonado. Ela se agarrou aos seus ombros ao mesmo tempo

que suas bocas se fundiam com uma intensidade que lhe roubava o fôlego.

Sentiu as mãos dele subir por sua cintura e puxar com insistência a parte de cima de seu vestido.

Escutou o ofego de Phillip e baixou o olhar para lhe observar. Sustentava entre seus dedos a corrente com o diamante que lhe tinha dado. O visconde se serenou imediatamente e baixou seus lábios até a sensível pele de seu seio.

Interiormente agradeceu por haver colocado o vestido verde esmeralda que tinha comprado na Itália e que tantos olhares tinha atraído essa noite, porque o decote era tão pronunciado que facilitava o acesso aos quentes lábios de seu prometido.

Sentiu o frescor sobre sua pele semidesnuda. E a umidade da boca masculina sobre sua pele e soube, nesse preciso instante, que se ele pedisse seria capaz de aceitar anunciar o compromisso essa mesma noite com tal de que não deixasse de fazer o que estava fazendo.

Como se tivesse escutado seus pensamentos, Phillip se apartou e em silêncio a ajudou a compor sua roupa.

— Tenta-me muito, Caro — ele murmurou apoiando sua testa na dela e dando mostras de um cansaço que ela não tinha notado até então.

— Isso é mau?

— Mau não. Perigoso, querida. Muito perigoso.

— Não tenho medo de você.

— Pois deveria porque te desejo tanto que às vezes me

esqueço de que é uma dama.

— Sou algo mais que uma dama, Phillip, sou uma mulher.

Capítulo 13

«Lucius me disse esta tarde no clube que está a ponto de retornar.

Diz que estará aqui em algumas semanas e, embora a notícia me alegrou mais do que possa imaginar, saber que não achou por bem me informar me incomodou de igual maneira. Suponho que em algumas semanas me dará seus motivos para não me informar de tão boa nova».

Fragmento de uma carta de Lorde Phillip Carroway,
Visconde de Edgehill à Lady Caroline Whinthrope.

O marquês de Hawkscliffe era pouco dado a sair às compras, porém, acabavam de publicar um livro que tinha muita vontade de ler, por isso não teve mais remédio que dirigir-se à Bond Street e entrar na livraria, repleta de gente a essas horas, para comprar tão cobiçado exemplar.

O que nunca imaginou foi ver sua irmã e Lady Alice falando entre as estantes e, a julgar pelo modo em que ambas cochichavam, fosse o que fosse o que estavam dizendo pareciam dispostas a mantê-lo entre elas.

Lucius se manteve oculto e as observou com prazer de seu estratégico lugar, debaixo das escadas que levavam à planta

superior em que se encontravam os livros de latim e grego. Sua irmã tinha os olhos brilhantes e parecia especialmente feliz. Lady Alice, por sua parte, mostrava-se atenta às palavras de Caroline e de vez em quando interrompia sua amiga para fazer alguma observação.

As damas seguiram falando durante cinco minutos mais e logo, depois de um abraço que surpreendeu o inexprimível Lucius, se separaram e Caroline abandonou a loja deixando Alice a fuçar entre as estantes ao mesmo tempo que tirava livros e os olhava com ávido interesse.

Hawkscliffe não pôde segurar durante mais tempo suas dúvidas e curiosidade e se aproximou da dama decidido a descobrir o que acontecia.

— Bom dia, Lady Alice — o marquês saudou.

Ela o olhou surpreendida antes de responder. Teve que fazer malabarismos para que o livro que sustentava não caísse ao chão pelo susto.

Lucius se fixou então nele e abriu os olhos surpreso. Teria esperado vê-la com uma novela romântica, tão na moda entre as damas, ou inclusive com um livro de Mary Wollstonecraft; não obstante, o livro que Lady Alice sustentava era um tratado de horticultura.

— Encontra-se bem?

— Sim, um pouco surpresa. Nada mais.

Se o marquês tivesse aparecido uns minutos antes teria sido testemunha de sua reunião com sua irmã e, embora a nenhuma delas importava que as vissem juntas, Alice estava segura de que se o irmão de Caroline estivesse junto, ela jamais

lhe teria contado a maravilhosa experiência que tinha compartilhado com seu prometido na noite anterior.

— Foi uma surpresa ver-me aqui? Por que? Pensava acaso que eu não sabia ler? — Deu-se conta de que tinha sido grosseiro e impertinente, mas estava tão irritado pelo que fosse que sua irmã e ela tramavam que não tentou ser cortês.

— Tenho que partir, milorde. Foi um prazer lhe ver.

— Não, por favor — a segurou pelo braço para evitar que se afastasse dele. — Desculpe minhas palavras. Fui tremendamente descortês com você e lamento profundamente.

Ela elevou o nariz, aborrecida.

— Foi. Sobretudo porque na última vez que falamos te convidei a me chamar pelo meu nome.

Lucius sorriu, encantado. Era uma mulher incrível, decidiu.

— Permite-me acompanhá-la à sua casa?

— Não é necessário. Vim com minha criada.

Ele sorriu e seu rosto, por si só atraente, tornou-se irresistível.

— Mesmo assim, eu gostaria de me assegurar de que chegará bem em sua casa.

Ela titubeou uns segundos antes de responder, como se estivesse considerando se era digno ou não de confiança.

— Farei com uma condição.

— E qual é essa condição?

— Não me acompanhará até a porta. Ficará no começo da rua.

Hawkscliffe ficou confuso com sua resposta.

— Por que tenho que fazer isso?

Lady Alice avermelhou até a raiz do cabelo.

— Não desejo que meus pais lhe vejam me acompanhar — disse de um modo direto que lhe deu novas dúvidas.

Mesmo arriscando parecer grosseiro, perguntou:

— Por que?

Ela deixou cair os ombros, abatida.

— Meus pais estão desejando que me case e se lhe vêm me acompanhar pensarão o que não é e então me mortifi... me pressionarão o resto da temporada. Não me sinto com forças para suportar.

Lucius recordou a conversa que tinha escutado atrás da porta da saleta de Caroline e a ira que sentiu nesse instante retornou com mais força ao descobrir tudo o que Alice estava tendo que suportar.

— De acordo — aceitou a contragosto.

Ela sorriu feliz, como se lhe tivesse dado o melhor presente de sua vida.

— Obrigada! Sabia que podia confiar em você.

Suas palavras despertaram uma mescla de tensão e ternura que o marquês nunca havia sentido. Lhe agradecia por protegê-la dos maus entendimentos de sua família. Acaso ninguém antes se ocupou dela?

A raiva era tão intensa que não respondeu por temor a assustá-la.

Capítulo 14

Lorde Phillip Carroway, Visconde de Edgehill, precisava passar uma noite com seus amigos ou beberia muito. Cortejar Caroline estava sendo mais difícil do que tinha esperado. Estar com ela estava afetando a sua prudência. Desejava-a tanto que tinha que esforçar-se para não toca-la, para não a arrastar, em todos os bailes nos quais coincidiam, para trás de alguma coluna e beijá-la até lhe roubar o sentido.

Em um intento desesperado por recuperar o juízo, essa noite tinha trocado as valsas pelas cartas e por esse motivo estava sentado em uma mesa no Whites, esperando que Lucius, a quem tinha enviado uma nota para que se reunisse com ele, chegasse.

Já estava em seu segundo uísque quando uma voz, que não tinha esperado escutar essa noite, dirigiu-se a ele.

— Isso não é o que esperava encontrar em um homem prometido e profundamente apaixonado.

Deu-se a volta para enfrentar outro de seus melhores amigos, Lorde Sebastian Middlethorpe. Ele foi o único que se deu conta dos sentimentos que albergava por Caroline. Apesar do muito que se esforçou por ocultá-los, seu amigo tinha notado. Possivelmente porque se encontrava na mesma situação que ele. Apaixonado pela irmã de sua melhor amiga,

uma dama a qual tinha acreditado não merecer.

Rapidamente se levantou para estreitar sua mão.

— O que faz aqui? Acreditava que seguiria em lua de mel.

— E sigo em lua de mel, mas ao que parece era necessária minha presença aqui esta noite para alegrar certo amigo deprimido.

Phillip se deixou cair de novo na cadeira.

— Quem lhe contou isso?

— Eu — anunciou Hawkscliffe, que se deteve para saudar seu amigo Sebastian.

Sebastian tinha se casado fazia duas semanas e na mesma tarde tinha partido com sua esposa à Bath, por isso estava alheio ao acontecido em Londres durante esse tempo.

Não obstante, assim que soube de sua volta, Lucius lhe tinha enviado uma nota para que se reunisse com eles no clube. Depois de falar com Vitória tinha ido ali para animar seu amigo e, uma vez cumprida sua missão, retornar para casa para acompanhar a sua esposa ao primeiro baile ao qual iam como casal.

— Acreditei que te incomodava por querer me casar com sua irmã.

— Nada mais longe da realidade. O que me preocupava era que não a amasse o suficiente. Uma vez dissipadas minhas dúvidas, acredito que é perfeito para ela.

Os olhos de Phillip brilharam pela raiva.

— Acreditava que eu não...?

— Cavalheiros, — Sebastian interrompeu — a paz, por favor.

O marquês elevou as mãos em sinal de trégua com um sorriso travesso nos lábios.

— Deixe de provocar o Edgehill ou juro que não farei nada se ele decidir te desafiar esta noite. De fato, é possível que aceite ser seu padrinho se me pedir isso.

— Obrigado, Sebastian — disse Phillip elevando seu copo.

— Tenho que reconhecer que senti falta de vocês — Sebastian anunciou.

— Não minta. Está muito apaixonado por Vitória e sua mulher é tão encantadora que é impossível que tenha lembrado de nós.

— Tem toda a razão, Hawkscliffe.

Os três riram de novo em harmonia.

O bate-papo com seus amigos acalmou os ânimos do visconde, que chegou a pensar em ir à festa a qual Caroline iria, quando Sebastian se levantou para partir para casa e acompanhar a sua esposa. Porém, decidiu que podia ter a noite livre e ser simplesmente Phil.

Para sua surpresa Hawkscliffe tampouco partiu, e ficou ali com ele.

— Lamento haver ocultado meu compromisso com Caroline. Não foi certo.

O marquês elevou o olhar de seu copo.

— Sei o quanto minha irmã é persuasiva. Não te culpo por querer fazê-la feliz. Deus sabe que levo anos fazendo o mesmo.

— É um bom irmão.

— Tento ser na maioria das vezes. Embora...

— O que acontece?

Lucius encolheu os ombros.

— Pode ser que não seja nada, mas... se deu conta de que de um tempo para cá, Caro se fez íntima de Lady Alice Albanley?

— Você também notou. Acreditava que tinham aversão.

— E assim era.

— E depois das constantes paqueras de Lady Alice acreditei que Caroline a evitaria e em lugar de fazê-lo a convida para passear conosco. É... estranho.

O marquês descartou a ideia que lhe rondava.

— Talvez não seja nada e esteja muito segura do que sente por ela para dar importância à atitude da dama.

— Suponho que é possível que seja assim.

Capítulo 15

Era a primeira vez que Lady Vitória Middlethorpe recebia visitas em seu próprio lar e as escolhidas para tal evento eram suas amigas mais íntimas.

Por isso, aproveitando a situação, tinha lhes pedido opinião sobre as cores mais adequadas para sua saleta, já que seu marido lhe tinha dado carta branca para que fizesse as mudanças que desejasse na casa com tal de que a sentisse como própria.

— O que lhes parece este salão? Sebastian me cedeu em exclusividade — comentou encantada.

Brianna passeou o olhar pela estadia e enrugou o cenho.

— É... muito amarelo. Se olhar fixamente as paredes chega a te deslumbrar. Quem o decorou?

— Não sei. É a casa que o pai de Sebastian escolheu para ele, mas dada a elegância de sua mãe é impossível que ela escolhesse este papel.

— Talvez estivesse na moda há alguns anos. De qualquer maneira, os móveis são encantadores, — disse Caroline em seu auxílio — sobretudo as cadeiras Luís XIV.

— Então o único problema é o papel das paredes. Penso o mesmo — respondeu Vitória.

— Por que não o troca por um em tons verdes? Faria a

estadia ficar acolhedora. O verde é relaxante e harmonioso - comentou sua irmã.

— Eu prefiro o azul — Caroline interveio. — Um azul celeste mais claro.

— Rosa!

As três mulheres olharam à Alice surpreendidas.

— Não a cor rosa equivocadamente ligada ao gênero feminino e sim a cor rosa da *erysimum bowles mauve*¹.

— Sinto muito, Alice, mas a cor rosa está descartada seja qual seja a flor que mencione, — e acrescentou com um sorriso — embora seria uma cor maravilhosa para seu próprio salão. Lhe assentaria bem vestir-se de rosa, destacaria a cor do seu cabelo.

— Eu nunca terei meu próprio salão. Minha mãe está segura de que vou ser uma solteirona que terá que viver da caridade de seus parentes. Depois da morte do Martin o título será herdado por um primo longínquo do meu pai, portanto perderei tudo, até minha própria casa.

— Sua mãe se equivoca.

— Brianna tem razão, — Caroline apoiou — é uma mulher linda e inteligente. Qualquer cavalheiro se sentiria orgulhoso de que fosse sua esposa.

Alice sorriu com tristeza.

— Esquece que os homens não desejam que suas esposas sejam inteligentes e sim damas submissas que façam sua Santa Vontade sem protestar.

— Sebastian não é assim e estou segura de que Marcus tampouco é. — Olhou a sua irmã para que esta corroborasse

sua afirmação.

— Não, Marcus tampouco é assim.

— Isso é porque os maridos que valem a pena já têm esposa — brincou olhando suas amigas.

— Nem todos — Caroline apontou.

Alice negou com a cabeça.

— Se está pensando em Lorde Burns é melhor que o esqueça, ele...

— Falava do meu irmão — a interrompeu. — Lucius segue solteiro.

A morena avermelhou pela alusão ao marquês de Hawkscliffe. Podia ser verdade, mas não era menos a aversão que o marquês parecia sentir por ela.

— Lamento te contradizer, querida, mas seu irmão mal tolera minha presença.

— Isso não é verdade. Vi aproximar-se de você.

— Certamente para me recriminar por minha atitude descarada — brincou para lhe tirar importância, embora o certo era que a situação lhe afetava mais do que estava disposta a reconhecer, inclusive a si mesma.

Caroline não quis insistir, consciente do desconforto de sua amiga, mas estava decidida a intervir para ajudá-la. Depois de tudo, Alice tinha deixado de lado seu orgulho para auxiliá-la.

Era uma pessoa excepcional e merecia encontrar a felicidade e afastar-se da casa que a fazia sentir-se tão insignificante.

Deixou a ideia apartada momentaneamente. Primeiro

conseguiria a sua própria e depois, se encarregaria da de Alice Alvanley e, se não se equivocava muito, era possível que a de seu irmão mais velho também.

Capítulo 16

«Lorde P por fim deixou ao descoberto suas preferências. Se há uns dias duvidávamos de quem estava cortejando, depois dos últimos eventos sociais nos quais foi visto junto a certa dama, podemos adivinhar que a eleição foi feita».

Revista Segredos da Sociedade.

Com cada dia que passava à Caroline, se fazia mais e mais difícil resistir ao Phillip. E embora uma parte dela se perguntava por que devia fazê-lo, outra mais racional estava convencida de que necessitava de mais tempo, já que ele ainda não lhe tinha falado diretamente de seus sentimentos.

Era a terceira vez essa semana que escapulia com o visconde ao jardim.

Ele aproveitava as valsas para escapar por qualquer balcão que permanecesse aberto, por isso quando a fez dançar para a lateral da pista acreditou conhecer seu destino.

— Vamos outra vez ao jardim? — Perguntou com malícia.

— Não, querida, para o que tenho em mente o jardim não me oferece a intimidade que procuro.

Suas palavras a fizeram estremecer ante a antecipação. Seus anteriores encontros tinham sido deliciosos, mas graças

às suas amigas casadas, Vitória e Brianna, Caroline sabia que havia mais que beijos e carícias. Nenhuma delas se esticou na explicação porque ambas avermelhavam assim que ela ou Alice tiravam o tema e ficavam a lançar risinhos tolos próprios de debutantes.

Apressada por essa curiosidade, permitiu que Phillip a levasse através da mansão dos Langston até a biblioteca. Sem desviar-se de seu objetivo, direto à porta que correspondia.

— Como sabia que...? — Se deteve ao compreender, de repente, que não desejava saber o motivo pelo qual seu prometido conhecia a localização exata da estadia.

— Lorde Langston é íntimo amigo do meu pai. Vim aqui em várias ocasiões com ele. Sobretudo quando criança.

Ela assentiu mais tranquila e se permitiu observar o que lhe rodeava. A habitação estava na penumbra, apenas um par de velas acesas junto à porta. Caroline supôs que os criados as teriam posto se por acaso algum avoador se perdesse procurando a zona de descanso.

Retornou sua atenção ao seu prometido, que a olhava com uma intensidade que fez com que um calafrio a percorresse.

— Caro, esta noite desejo te mostrar uma parte do que te espera quando for minha esposa. Quer que lhe mostre isso?

— Sim, Phil.

— É linda, — a elogiou — mas estaria mais cômoda nesta poltrona tão confortável. Não crê?

Caroline assentiu e se sentou com acanhamento.

Phillip sorriu e agachou em frente a ela.

— Agora vou beijar-te — anunciou sem lhe dar tempo de

reagir.

Caroline abriu a boca com desejo e, antes que se desse conta de como tinha acontecido se encontrou tombada sobre o sofá dos Langston.

Phillip deixou escapar o desejo que tinha estado retendo em seus breves encontros no jardim. Naquela biblioteca podia permitir-se ser um pouco mais ousado e mostrar à sua amada todo o prazer que podiam compartilhar.

Por isso, enquanto sua língua explorava a boca feminina, deslizou uma mão para baixo para rodear as arredondadas nádegas de sua prometida e estreitá-la mais contra si.

Sua ereção pressionou contra a suavidade do corpo de Caroline e, incapaz de deter-se, esfregou lentamente sua excitação contra ela. Não podia controlar-se, por mais que tivesse jurado e perjurado que podia fazê-lo, estava a ponto de ficar em evidência pela intensidade com a qual a desejava.

Elevou a mão para acariciar a delicada clavícula e, deslizou os dedos mais abaixo acariciando a pele acetinada justo por cima do corpete.

Acariciou um seio e ela arqueou as costas, apertando o duro mamilo contra sua palma. Absorvida pelo prazer, Caroline elevou os braços e enredou os dedos no espesso e sedoso cabelo de Phillip.

—Separa as pernas.

Lhe sustentando o olhar ela separou as coxas. A primeira carícia em seu centro lhe arrancou um suave gemido. Estava molhada e quente... Phillip lhe acariciou com a ponta de um dedo enquanto com sua outra mão seguia brincando com seus

seios. Caroline se retorceu na poltrona, separando ainda mais as pernas.

Ele deslizou um dedo em seu interior e fechou os olhos. Introduziu com cuidado um segundo, preocupado por sua estreiteza e, começou a movê-los com suavidade.

Apertou a palma contra o sensível botão e a girou lentamente.

Outro gemido escapou de seus lábios e se arqueou contra sua mão, desejando mais, embora desconhecesse o que. E Phillip estava decidido a dar-lhe.

— Posso te tocar? — Pediu com a voz cheia de desejo.

— Hoje não, Caro. Hoje tudo é para você — murmurou, sabedor de que não poderia resistir se lhe tocasse.

Estava usando toda sua força de vontade para não a tomar ali mesmo.

Agachou-se em frente a ela na poltrona e brincou com ela tal e como tantas noites tinha sonhado. Com a boca, a língua e os dedos. Penetrando, lambendo, mordendo e chupando...

Quando sentiu que estava a ponto de chegar ao êxtase introduziu dois dedos em seu interior e lambeu o excitado botão que tanto tinha desfrutado atormentando.

Ela emitiu um grito de assombro e se aferrou com força aos seus ombros enquanto palpitava em torno de sua mão.

Phillip ficou sustentando-a uns minutos. Lhe dando o tempo necessário para que seu pulso se acalmasse.

— Caroline — chamou por fim.

— Phillip.

— Anunciamos esta noite nosso compromisso?

Ela piscou, assombrada pelo giro que tinham dado os acontecimentos.

— Hoje não.

Capítulo 17

«Em ocasiões a amizade é tão volúvel quanto o amor e, pessoas que jamais acreditaríamos que poderiam ser amigas acabam por unir-se de modos inesperados».

Revista Segredos da Sociedade.

No dia seguinte, Caroline estava tão eufórica e descansada que chamou a sua criada e, sem avisar a sua amiga Alice, encaminhou-se até a casa dos condes em sua busca. O ramo de rosas que a recebeu ao descer era tão bonito que tomou uma delas com a intenção de oferecer à sua amiga, que era uma amante das plantas.

Estava de bom humor, tanto que tinha decidido falar com Phillip essa mesma noite para lhe dizer que por sua parte podiam dar como finalizado o cortejo e que, se estava de acordo, poderiam anunciá-lo no baile que Brianna daria em sua casa. O primeiro que oferecia após ter sua posição de duquesa.

Por tudo isso, colocou um singelo vestido azul de manhã e se encaminhou, junto à sua criada, até a casa de sua amiga.

Antes sequer de alcançar o último degrau, o pomposo mordomo dos condes de Stapleford lhe abriu a porta.

— Bom dia, milady — disse ao mesmo tempo que fazia suas acrobáticas reverências.

— Bom dia, Quince. Lady Alice está na estufa?

— Não, está no salão familiar.

— Os condes não estão em casa?

Negou com a cabeça.

— Partiram esta manhã ao Kent após serem chamados pela governanta de Kensigton Cross.

— Espero que não tenha sido por nada grave.

— Não saberia lhe dizer, milady, — e acrescentou — a acompanharei até o salão, mas deseja antes que eu ponha a rosa em um vaso?

Caroline olhou as mãos. Tinha esquecido que a levava por toda a informação que Quince lhe tinha proporcionado.

— Não será necessário. É para sua senhora. Se por acaso desejar secá-la ou extrair alguma semente.

O mordomo assentiu e começou a andar.

Encontrou sua amiga sentada em uma confortável poltrona com um livro nas mãos. Não houve nenhuma dúvida de que se surpreendeu ao vê-la, inclusive pareceu incômoda por sua presença.

Caroline tentou compreender sua reação, mas não tinha sentido. Não podia estar preocupada com a aparição de seus pais porque estes não estavam na cidade.

Depois de meia hora de desconforto por ambas as partes, acabou-se o chá, que lhe serviram e anunciou sua ida.

Alice não tentou retê-la e, Caroline decidiu que certamente sua falta de cortesia se devia a que se encontrava mais a gosto na estufa que no salão de seus pais.

Encontrava-se já a alguns passos de sua casa na mesma Grosvenor Square, quando seu instinto lhe fez girar e olhar para a entrada da mansão que acabava de abandonar. Ficou imóvel, chegando inclusive a assustar sua criada, quando seus olhos se fixaram no cavalheiro que tocava nesse instante a aldrava da porta e, ficou ali vários minutos depois que este desaparecesse em seu interior.

— Caroline? — O marquês de Hawkscliffe perguntou ao vê-la passar apressada e murmurando através da porta aberta de seu escritório. — Caro?

Estava seguro de que ia ter que sair para procurá-la quando ela apareceu e lhe demonstrou que tinha estado certo ao senti-la inquieta.

— Entra, Caro, por favor — girou para olhar seu secretário. — Jensen, isso será tudo por hoje.

— É claro, milorde; milady — fez uma breve reverência e abandonou a estadia fechando a porta atrás de si.

— O que está acontecendo? Por que foi falando sozinha?

Caroline encolheu os ombros.

— O certo é que não sei.

— Deve haver um motivo pelo qual está tão aturdida.

A jovem meditou uns segundos se seria acertado contar ao seu irmão o acontecido. Finalmente decidiu que, talvez, Lucius

poderia oferecer uma visão distinta sobre o que ela mesma tinha vivido.

Em apenas um punhado de frases lhe pôs a par da situação.

O marquês se manteve em silêncio durante toda a narração e, assim que sua irmã terminou seu relato, ficou em pé.

— Vou comprovar por mim mesmo — anunciou sem dar mais explicações.

— Crê que seja necessário? Que há algo a comprovar?

— O que acredito é que não ficará tranquila até que eu o averigüe.

Enquanto caminhava por Grosvenor Square, Hawkscliffe ia considerando as possibilidades a respeito do que ia encontrar e qual devia ser sua reação em cada caso.

Apesar da escassa distância que separava ambos os lares, teve tempo de tomar uma decisão.

Chamou insistentemente à porta e esperou que o mordomo lhe abrisse. Com a eficiência que se esperava dele, este lhe atendeu ao segundo chamado e lhe convidou a acompanhá-lo até o lugar em que se encontrava Lady Alice.

Quando entrou viu Edgehill e a dama sentados na poltrona. Suas posturas eram perfeitamente decentes, mesmo assim uma ira, desconhecida para ele até esse momento, embargou-o e lhe atacou o estômago.

— O que está acontecendo aqui? — Inquiriu olhando

diretamente ao seu amigo.

Estava convencido de que se olhasse Lady Alice obteria que sua serenidade, que tanto esforço lhe estava custando manter, voasse pelos ares.

— Acredito que nos perseguiu — escutou uma voz feminina que não associou com a mulher que estava sentada junto ao visconde.

Por instinto deu a volta e topou com Lady Vitória, a quem nem sequer tinha visto entrar.

Estava tão obcecado com o que pudesse estar acontecendo entre seu amigo e a anfitriã que foi incapaz de reparar em sua presença.

— Isso parece, — corroborou Phillip — acredito que podemos nos arriscar a acrescentá-lo ao nosso plano.

— Eu não estou tão segura — Lady Alice opinou com um brilho malicioso em seus olhos.

Capítulo 18

«Espero que esteja desfrutando da Itália e que, mesmo assim, de vez em quando lembre-se de mim».

Fragmento de uma carta de Lorde Phillip Carroway,
Visconde de Edgehill à Lady Caroline Whinthrope.

O baile organizado pelos duques de Rothgar estava sendo um êxito. O quarteto de cordas era magnífico, a sala de baile estava tão bem ventilada que, à diferença de outros bailes, ali mal se notava o asfixiante calor habitual.

Além disso, os anfitriões estavam radiantes. Sobretudo, a duquesa, que usava um lindo vestido de um tecido tão delicado que parecia tecido por fadas, com uma cor verde fluorescente que mudava de tonalidade conforme se movia.

Lady Caroline Whinthrope, por sua parte, tinha escolhido um vestido de uma suave cor lavanda que acentuava seus traços. Tinha chegado acompanhada de seu irmão, quem depois da visita à sua amiga tinha lhe confirmado que seus temores eram injustificados.

O único motivo pelo qual Phillip tinha ido até a mansão dos condes de Stapleford era, precisamente, falar com o pai de Lady Alice, já que estava planejando comprar um cavalo. O

problema era que, dada a inesperada partida do nobre, o visconde não tinha sido informado, indo igualmente à entrevista combinada.

A explicação tinha agradado Caroline, mais ainda vindo de quem vinha. Se havia uma pessoa que merecia sua confiança absoluta, esse era seu irmão. Lucius tinha se encarregado dela depois da morte de seus pais, deixando de lado sua própria felicidade para ocupar-se da de sua irmã mais nova.

E embora tivesse contado com a ajuda da tia Felicity, a viúva era uma mulher muito acostumada a estar sozinha para saber como atender uma menina.

Mesmo assim, ela lhes estava enormemente agradecida. Sobretudo ao Lucius; tanto, que estava decidida a ocupar-se agora dele. E tinha bastante claro o que devia fazer. Assim que Phillip e ela anunciassem seu compromisso se encarregaria de que seu irmão e Alice descobrissem quão perfeitos eram um para o outro.

— Caro — Phillip chamou, aproximando-se dela.

Ficara sozinha enquanto seu irmão se aproximava da mesa das bebidas para pegar um clarete para ele e um copo de ratafia para ela. Suas amigas, Brianna e Vitória, seguiam na entrada dando as boas-vindas aos convidados, e ela ainda não tinha visto Alice.

— Está linda. Estranho que não tenha uma corte de admiradores ao seu redor.

— Acabei de chegar. Não lhes deu tempo — brincou com um sorriso deslumbrante.

— Crê que é muito cedo para me acompanhar à

biblioteca? — Perguntou em um tom neutro, mas ainda assim Caroline sentiu como a pele de seu rosto avermelhava rapidamente.

— Não, não é.

Phillip sorriu e lhe ofereceu o braço.

A mansão dos Rothgar era linda, e se notava em cada canto a mão de Brianna. Era evidente que Marcus lhe tinha permitido trocar o que quisesse, porém, a biblioteca parecia um domínio exclusivo dos homens e Caroline recordou que, em uma ocasião, a duquesa lhes tinha contado que Marcus jamais tinha permitido trocar um só móvel dessa estadia porque desejava que seguisse tal e como seu pai a tinha deixado.

Edgehill abriu a porta e lhe cedeu o passo.

Caroline ficou parada no meio da habitação sem saber muito bem o que fazer. Devia esperar que Phillip a beijasse ou era melhor que lhe pusesse a par de sua decisão de anunciar o compromisso?

Como se soubesse que devia atuar, o visconde baixou o rosto e a beijou e ela deu um salto pela surpresa.

Caroline sentiu sua boca quente, úmida e aberta, e lhe acariciou o queixo e puxando-o para que abrisse os lábios. Então sentiu o roce de sua língua seduzindo-a com um ritmo constante e sinuoso que notou no seio, no ventre e entre as pernas. Não obstante, nessa ocasião suas mãos não procuraram seu decote, não tentaram lhe levantar a saia, mas se limitaram a mantê-la colada nele.

O beijo tinha intenção de lhe apanhar a alma, de fundi-la com a sua e ela o permitiu e teria seguido fazendo-o se a porta

não houvesse se aberto bruscamente e não tivesse aparecido Lorde Burns, acompanhado de Vitória e de Alice. Separou-se com rapidez de Phillip, mas já era muito tarde. O barão tinha sido testemunha direta do que tinha acontecido na biblioteca.

— Oh! — Limitou-se a dizer.

— Burns — saudou seu prometido, que parecia não se preocupar pelo acontecido.

— Eu... lamento... quero dizer que...

Suas amigas ficaram em um segundo plano, deixando que fossem os cavalheiros os que arrumassem a situação.

— Me felicite barão, vai ser o primeiro em saber que Lady Caroline Whinthrope aceitou ser minha esposa. Ponha o anel, querida.

— Felicidades, Edgehill; milady.

A aludida assentiu mortificada. Uns minutos antes tinha estado disposta a anunciar seu compromisso, não obstante, agora que se viu obrigada pelas circunstâncias a fazê-lo não estava tão feliz como deveria.

— Por favor, se nos permitirem, eu gostaria de acompanhar a minha prometida ao salão de baile assim que se recuperar da emoção.

— É claro — concedeu dando a volta para partir.

Vitória e Alice lhe lançaram um olhar para assegurar-se de que se encontrava bem e seguiram o barão de volta ao baile.

— Querida, está bem?

— Isto é horrível. Agora todo mundo acreditará que se casará comigo porque te cacei. Porque se viu obrigado a fazê-lo.

Phillip teve o descaramento de sorrir e o mal-estar que

embargava Caroline se transformou em raiva.

— Não posso acreditar que esteja zombando de mim.

— Meu amor, não zombo de você, é só que não poderia estar mais equivocada. Fui eu quem caçou você.

Ela se apaziguou ao escutá-lo chamá-la de *amor*. Era a primeira vez que utilizava um término tão carinhoso com ela. A primeira vez que lhe deixava vislumbrar uma parte de seus sentimentos.

— A que se refere com que foi você quem me caçou?

— A que te amo e estou disposto a tudo para que seja minha esposa. E se para consegui-lo tenho que ficar como um boneco de pano diante da alta sociedade, me acredite que não pode me importar menos.

— Oh! Phillip. É a primeira vez que me diz isso.

— Preocupava-me que se assustasse se o dissesse em voz alta. Parecia não estar convencida de se casar comigo.

— Preocupava-me que não me amasse.

Phillip riu, agora podia permitir-se esse luxo.

— Levo meses te dizendo que te amo com o pensamento. Não sei como não se deu conta disso.

Lhe devolveu o sorriso.

— Suponho que estava muito ocupada dizendo isso a você para me dar conta de qualquer coisa.

— Acredito que o mais inteligente é que a partir de agora nos digamos sempre em voz alta.

Epílogo

«Esta manhã assistimos as últimas bodas da temporada. Fazendo balanço, está revista deve confessar que acreditava que, ao finalizar a mesma, Lorde H estaria desfrutando nas listas dos recém-casados. De qualquer modo, não perdemos a esperança de encontrar uma marquesa à sua altura no próximo ano».

Revista Segredos da Sociedade.

As bodas tinham sido lindas. Lucius a tinha acompanhado até o altar e tinha estado ao seu lado durante toda a cerimônia. A tia Felicity tinha chorado muito, embora parecesse encantada com o noivo.

Não obstante, devia enfrentar sozinha o que estava por acontecer. Tinha uma ligeira ideia do que acontecia entre um homem e uma mulher quando estavam juntos, mas isso em lugar de havê-la tranquilizado a deixava mais nervosa.

Nem sequer desfez o penteado que Mary lhe tinha feito. Estava muito nervosa para que suas mãos atinassem com as forquilhas e, devido a esse nervosismo, tinha despachado a sua criada depois que a ajudou a colocar a camisola e a bata.

Um conjunto extremamente indecente que Vitória lhe

tinha dado, alegando que ia encantar seu marido.

Sobressaltou-se quando a porta contigua à sua se abriu de repente.

Phillip se deteve entre ambos dormitórios para observá-la.

— Não deve preocupar-se, tudo vai ser perfeito -anunciou, estava tão ansioso por tê-la, tão desesperado que não trocara de roupa. Apenas tinha tirado a jaqueta e o colete em seu afã por estar perto de Caroline.

Aproximou-se até ficar a uns centímetros de sua esposa e deslizou sua língua, devagar, pelo contorno daqueles lábios rosados, logo se introduziu em sua muito doce boca para saboreá-la. Atraiu-a para si, esmagando-a contra seu corpo enquanto sua boca se apropriava da dela com uma sede intensa que jamais conseguiria saciar.

Ele grunhiu em voz baixa, tomou-a em seus braços e a levou à cama.

Habilmente lhe tirou a bata, lhe acariciou as costas e lhe retirou as forquilhas do cabelo. Impulsionada pela urgência de tocá-lo, lhe acariciou o peito e os ombros, seguindo o contorno daqueles músculos bem torneados sob a camisa de seda.

Depois de depositá-la na cama que ambos compartilhariam, deu-se conta de que a delicada camisola mal lhe cobria a pele, por isso Phillip aproveitou para lhe acariciar o mamilo até pô-lo duro e levar-lhe à boca.

Caroline o agarrou pelo cabelo enquanto lhe lambia o outro seio.

— É linda! — Ele murmurou sobre a sua pele.

Pousou seus quentes lábios no pescoço dela enquanto

desabotoava as calças. Quando voltou a deixar cair todo seu peso sobre ela, Caroline notou a aveludada ponta de seu membro em contato com sua pele nua.

Sabendo que devia prepará-la para lhe receber, separou as suaves coxas e enterrou o rosto entre elas, torturando-a com suas carícias, tal e como tinha feito em outra ocasião. A diferença era que nesse momento ele era autorizado a fazê-lo, a insistir e desfrutar do amor de sua esposa.

Seguiu pressionando-a até que a viu romper-se em frente a ele e então, consciente de que não podia esperar mais sem envergonhar a si mesmo de tanto que a desejava, acomodou-se entre suas pernas e a penetrou com cuidado.

Phillip se movia devagar e de modo constante, saboreando a sensação que a pressão das entranhas dela provocava em seu membro, arrastando-o até o mais fundo de seu ser.

Olhou-a aos olhos e se inundou com veemência em suas cálidas entranhas.

Caroline proferiu um grito mescla de dor e de prazer e enterrou o rosto no ombro de Phillip.

— Calma, meu amor. Confia em mim. Agora só sentirá prazer.

Ela assentiu, incapaz de dizer qualquer coisa.

E ele aproveitou esse gesto de confiança absoluta para lhe demonstrar que jamais ia mentir-lhe ou trai-la. Para lhe demonstrar que, acontecesse o que acontecesse, ele sempre seria seu refúgio, seu lar.

Apressado por seu próprio desejo a levou até ao mais alto nível de prazer e a sustentou quando ela se fez em pedaços em

torno dele. Então, e só então, permitiu-se a liberação que tanto ansiava.

Sem sair dela a abraçou e devem ter adormecido porque quando voltou a abrir os olhos a manhã clareava o horizonte.

— Bom dia, esposa — saudou ao notar que ela se movia entre seus braços.

— Bom dia.

Notou o acanhamento em sua voz e se excitou ao recordar o motivo que a tinha despertado.

Notou-a mover-se tentando se acomodar, o que lhe permitiu dar a volta para ficar de frente.

Ela sorriu sonolenta.

— Eu gosto de despertar assim — riu. — É muito agradável.

— Sim, é, mas sabe uma coisa?

Ela negou sem deixar de sorrir.

— Pode ser muito, muito mais.

— É possível?

Foi o turno de Phillip sorrir.

—Acaso está duvidando da palavra de seu marido?

— Uma boa esposa nunca faria isso. É só que... se não for muito incômodo, eu gostaria que me demonstrasse isso.

— Seus desejos são ordens, milady — disse um segundo antes de inclinar seu rosto sobre o dela e conquistar seus lábios em um beijo carregado de promessas de manhãs extremamente satisfatórias.

Notas

[←1]

Gênero de planta herbácea da família Malvaceae, que inclui aproximadamente 30 espécies. Mais conhecida como malva.